

A MORTE DA PROSTITUTA EM *MAGGIE A GIRL OF THE STREETS* DE STEPHEN CRANE

Adriana Carvalho Conde¹

“She is more to be pitied than censured,
She is more to be helped than despised, [...]”.

William B. Gray, 1898

RESUMO

A morte da personagem prostituta traz à tona as discussões acerca das tensões existentes entre os gêneros na literatura. Exploramos o tema da morte da personagem prostituta Maggie do romance urbano *Maggie: A Girl Of The Streets* (1896), de Stephen Crane destacando sua trajetória, a qual é marcada pelo destino e pela fatalidade, cujo efeito de caracterização tenciona as questões morais da sociedade que a condenam e a conduzem para um final trágico, sinalizando sua inaptidão em sobreviver, demonstrando que as forças externas comandam seu destino. Enfatizamos as posições opostas que caracterizam sua morte.

Palavras-chaves: Literatura, Mulher, Prostituição, Morte.

O feminino na representação da personagem prostituta

A presença da personagem prostituta tornou-se expressiva, no século XIX, em diferentes representações, mas foi na literatura que essa participação se fez proeminente. A ficção sobre a mulher pobre, trabalhadora e moradora de cortiços existiu, ou, ainda existe no limiar entre a fantasia e a pena dos escritores que deram e continuam a dar forma a uma nova maneira de representar a mulher na literatura.

Reconhecemos facilmente o fascínio da intrigante personagem prostituta em *Nana* (1880) do idealizador da estética naturalista Émile Zola. Igualmente identificada na poesia *Les Fleurs Du mal* (1857), de Baudelaire; também em obras românticas como *Lucíola* (1862) do escritor brasileiro José de Alencar.

¹ Curso de Letras –Estudos Vernáculos – PNPd- PPGL/UFSM; conde_adriana@hotmail.com

Não podemos nos esquecer de elencar algumas delas, como Cândida Eréndira (1972), personagem prostituta de Gabriel Garcia Marques; Cora Strang (1889) de Edgar Fawcett ou de Moll Flanders, de Daniel Defoe, no livro homônimo publicado em 1722. Outra personagem que merece destaque na listagem é Léonie, de *O Cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo, contemporânea de Maggie de Stephen Crane, aqui no Brasil. A messalina está presente na figura de Marguerite Gautier do romance *A Dama Das Camélias* (1848), de Alexandre Dumas, ou em Hilda, de *Hilda Furacão*, romance escrito em 1991 por Roberto Drumond.

Apesar da cronologia e espaços diversos, elas aparecem representadas como mulheres que deixam exposto o assunto e os conflitos que envolvem a sexualidade. Umás apenas surgem como personagens secundárias, outras assumem a posição central na história, mas todas representam a *fallen woman*.

Neste sentido, buscamos enfatizar as experiências vividas por Maggie Johnson, protagonista da história, que experimenta a decadência física e moral, juntamente com outros moradores, nos bairros dos *tenements*², do *Lower East Side*, na cidade de Nova York, em pleno desenvolvimento industrial, no século XIX.

Nascido em 1871, em Newark, New Jersey, Stephen Crane foi filho de pais metodistas, rigidamente religiosos. *Maggie, a Girl of the Streets* (1893) é o primeiro romance do autor Crane que, também, escreveu o conto “The Open Boat” (1897). Tem um número considerável de *sketches* escritas e encenadas nos teatros, em que também aborda o cotidiano das pessoas dos cortiços.

Ele pertence ao grupo de romancistas que explora o tema da vida da classe baixa em suas obras e faz parte do movimento literário proveniente das ideias naturalistas, conhecido por *Slum Fiction* ou *Tenement Fiction*. Crane traz à tona um novo tipo de representação literária das pessoas pobres, pertencentes à classe operária, bem como o drama de quem vive sob as pressões da miséria e da luta pela sobrevivência em um meio ambiente urbano e hostil que as grandes cidades como Nova York exibiam.

Os acontecimentos da época encontram-se refletidos em *Maggie: A Girl Of The Street* de Stephen Crane, trazendo à tona, no romance de 1896, mais uma vez, o tema da

² *Tenements* são habitações também chamadas de *tenement house*. Constitui-se de apartamentos apertados superpovoados na área pobre da cidade grande. Similares aos cortiços.

prostituta morta, uma constante no século XIX. O romance chamou a atenção da crítica porque toca ironicamente nas questões referentes aos vícios e à violência e por representar a mulher prostituta em nuances que chocaram os leitores da classe média americana.

Na *Tenement Fiction* a personagem prostituta alcança o *status* de protagonistas e os escritores tiveram que lidar com conceitos conflitantes sobre a sexualidade feminina, ao adotar a prostituta como protagonista das histórias. Com a escolha da prostituição como tema principal de seus romances os escritores tiveram que expor sua perspectiva, no que se refere à visão da mulher e a feminilidade, levantando uma dúvida relevante: seria a mulher prostituta vítima, o que sugere uma fraqueza da mulher em geral em relação à sua sexualidade? Se olharmos a dinâmica das relações sociais construídas pelos autores daquele período, podemos ter acesso a sistemas simbólicos de representações da realidade social e das relações entre o feminino e a prostituição.

Ao explorar um tema assim, impregnado de tabus, inevitavelmente, os escritores chocaram-se com os conflituosos conceitos vitorianos sobre a sexualidade feminina, pois ele expõe e denuncia a condição de miséria moral e as péssimas condições da vida das mulheres de classe social baixa.

As personagens prostitutas perturbaram os leitores da classe média, pois lançaram dúvidas sobre o conceito de feminilidade da época, a qual se imbuída da convicção de que a mulher prostituta poria em risco a garantia de controle dos comportamentos femininos, principalmente no que diz respeito à sua sexualidade. A presença dela inverte os paradigmas da classe média sobre a ideia de ser mulher, sobre a vida doméstica e a vida fora de casa. Hapke, (1989, p. 2, tradução nossa) demonstra que para resolver essa questão os escritores dessexualizam suas personagens:

Eles “resolveram” a questão, em retratá-la em toda a sua complexidade, por meio da remoção do conhecimento das consequências de suas experiências carnais. Ela se tornou efetivamente dessexualizada [...] Tal solução era, realmente, para seus criadores, uma derradeira tentativa de defender a mulher, sem dar a conhecer a sua velada sexualidade, da qual a sua profissão consistia.

Por meio da personagem Maggie, Stephen Crane inaugura uma nova forma de delinear a mulher na literatura, em que a graça sedutora da heroína burguesa, romântica, presente em romances anteriores, no período antecedente a Crane, cede lugar à

personagem prostituta, de rua *of the streets*, cuja existência é marcada pelas pressões de uma sociedade burguesa e patriarcal, com conceitos fundamentados na moral vitoriana, vigente no século XIX (FINE, 1993, p.98).

O inovador em Crane reside no fato do autor novaiorquino representar a mulher prostituta em sua complexidade, o que implicou quebrar paradigmas e estereótipos difundidos pela literatura que antecedeu o naturalismo. Percebemos uma crítica da situação feminina e uma crítica das relações em meio ambiente turbulento, de contornos morais peculiares e que contrastam constantemente com os princípios e regras morais e sociais da classe média do século XIX. Ele faz com que ela exiba um perfil psicológico mais elaborado, mais irônico, revelando os contornos delicados da alma humana, que observa outras almas humanas.

Segundo Hapke (1989, p. 2, tradução nossa): “Stephen Crane – jornalista, correspondente de guerra e autor de *Maggie: A Girl of the Streets* – foi o mais talentoso criador da imagem da prostituta americana no século XIX”. Ele deu destaque à prostituta de rua, elevando a *slum novel*. Crane almejava proteger a prostituta de rua, sendo assim, desenvolveu estratégias literárias que se assemelham aos contos, em que havia resgates cavalheirescos das mulheres do “distrito da luz vermelha”, embora tenha se baseado nos contos sobre a prostituição dos thrillers da metade do século XIX e em Miller e Fawcett.

A estratégia anti-romântica e Maggie, uma garota das ruas

Maggie é descrita como se estivesse perdida em um mundo em constante desmoronamento. Sem nenhuma segurança emocional, busca apoio na figura masculina de Pete, crente em que ele transformaria a situação na qual se encontrava. Ela perambula entre o sonho e a realidade, inconsciente de seu espaço, em um meio ambiente degradante.

Ela é o indício da estratégia “anti-romântica”, adotada pelo autor, opondo-se às convenções estéticas de caracterização e do papel de heroína romântica, além de se tratar de uma figura em que são expressas as ideias sobre a mulher e, também, expõe o conhecimento do autor acerca do feminino, no século XIX, especialmente a mulher marginalizada e prostituta de rua. Crane tende a representar, por meio dela, todos os tipos de mulheres degeneradas do período.

A personagem de Crane simboliza a preocupação da classe média com a proliferação da prostituição, com questões raciais e étnicas, o que deixa em evidência os problemas relacionados à mulher imigrante nos Estados Unidos. Maggie representa um perigo ao modelo de mulher americana da classe média e vive no limiar entre as raças, que deveria, ao modo nativista de pensar, estar confinada ao espaço reservado para acomodar apenas o grupo de estrangeiros, os “*tenements*”.

Katrina Irving em *Gendered Space, Racialized Space: Nativism, the immigrant Woman and Stephen Crane’s ‘Maggie* (1993, p. 36, tradução nossa) afirma que: “Como extensão dessa lógica, o corpo da mulher branca da classe média, correlacionava-se com o espaço da casa e assume uma relação metafórica com o grande corpo da república”. Ela complementa esta ideia, afirmando que (IRVING, 1993, p. 39):

Maggie pode ser discutida como o exemplar de uma sexualidade independente e defeminizada. Como prostituta imigrante, Maggie combina sua ameaça sexual ao invocar temores de miscigenação. Sua livre circulação dentro e fora dos espaços dos *tenements* significa não apenas uma sexualidade fora de controle, mas envolvida em sua sexualidade está uma ameaça racial.

No romance de Crane, a heroína é direcionada à ruína e, fatalmente, se entrega à morte, pelos seus instintos e desejos carnis, características condescendentes com a ideia de mulher degradada. A heroína de Crane demonstra ser guiada por este instinto e desejo o que fatalmente a leva a uma morte trágica e prematura. Portanto é consistente afirmar que o provável suicídio ocorrido em *Maggie*, ou a morte de Cora Strang de Fawcett, entre outras várias personagens presentes na produção literária do período têm forte relação com as ideias naturalistas e nativistas da época.

O suicídio, ou assassinato de Maggie, no final, pode não só indicar ser um episódio de redenção feminina, em que a culpa por suas atitudes a faz preferir a morte a uma vida degradada, mas também que o meio ambiente selvagem tenha moldado a experiência existencial.

Maggie cresceu em um lar desestruturado. Convivia nos *tenements* com sua família em um “[...] lar como se vivesse em um verdadeiro inferno” (CRANE, p.11, tradução nossa) e se refugiava em um mundo de ilusão, para fugir de sua realidade opressora.

Ao se deparar com a realidade que engessa seus sonhos de conquista e prosperidade, não lhe resta outra solução, a não ser a de por fim à própria vida. Não podemos deixar de apontar que as marcas da época estão impressas nas descrições da personagem e sua atuação no romance. Na história da menina pobre da Rua Bowery, conseguimos notar os recursos estilísticos elaborados por Crane para apresentar uma personagem que se contrapõe ao modelo anterior.

Ela aparece, primeiramente, como uma personagem que não age, até o Capítulo V. Ela é pacífica, calada, reflexiva e melancólica. Os quatro capítulos iniciais são dedicados à construção do pano de fundo das circunstâncias em que está inserida a história de uma garota ingênua, que experimenta uma vida cheia de opressões violentas, ao lado de seus pais alcoólatras e seus irmãos, o agressivo, Jimmie e um bebê chamado Tommy, que morre nos capítulos iniciais da história.

Maggie cresce em um meio ambiente, onde as constantes eram a violência e as brigas, além da dificuldade econômica que enfrentava morando em um cortiço. Ela trabalha em uma fábrica de camisas costurando “golas e punhos” e recebe um salário irrisório, que não possibilita ter uma vida abastada, muito ao contrário, para Maggie o futuro não parece ser muito promissor, pois como observa Crane: “Ela imagina a si mesmo num futuro desolador” (CRANE, p. 29, tradução nossa).

A protagonista consegue enxergar claramente sua real situação, mas objetiva se esquivar da mesma, escondendo-se atrás de desejos impossíveis ou mesmo encobrindo a realidade, com sonhos, em que os conceitos da classe média se fazem evidentes.

Maggie reflete sobre sua realidade projetando-se no futuro, porém faz isso com a visão obnubilada pelo véu que envolve o sonho e a idealização do porvir. Ela reconhece a si mesma, sabe de sua real situação.

Ao se projetar no futuro, diante de uma realidade hostil, percebemos sua consciência sobre o mundo, porém utiliza a imaginação para subjetivar um futuro mais exuberante e promissor. Vislumbrando seu futuro real vê-se condenada a uma existência miserável.

Insatisfeita com o trabalho que realiza, ela reflete sobre os movimentos mecanicistas adotados pelas colegas de trabalho, bem como revela as condições insalubres a que as trabalhadoras eram expostas, além da precariedade econômica sugerida pelo fato de não receberem seus salários regularmente: “O ar da fábrica de

golas e punhos a sufocava. Ela sabia que aos poucos estava gradualmente definhando naquela sala quente e abafada” (CRANE, p.29, tradução nossa).

Consciente sobre as consequências de uma vida de trabalho incessantemente mecânica e frustrante, Maggie vislumbra um futuro pouco atrativo e promissor, mostrando-se melancólica, reconhecendo sua imobilidade e incapacidade de mudar o futuro, observado na situação descrita:

Ela ficava abismada ao observar algumas mulheres grisalhas da sala e as consideravam meros aparelhos mecânicos de costurar e inclinar a cabeça sobre o trabalho [...] Pôs-se a calcular quanto tempo duraria a mocidade. Imaginou-se num futuro exasperante, como uma esquelética mulher com uma infelicidade eterna (CRANE, p.29, tradução nossa).

Ao longo da história, Maggie conhece Pete, amigo canastrão de Jimmie e se apaixona por ele. Ao conhecer Nelly, uma prostituta bem sucedida, “uma mulher brilhante e audaciosa”, Pete abandona Maggie. Desiludida e com o coração partido, Maggie procura sua família, mas é rejeitada e escorraçada de sua casa. Ela, então, sem perspectiva melhor, procura na prostituição uma maneira de sobreviver. Após várias rejeições e de aparentar uma evidente degradação física e moral, Maggie morre e não se sabe ao certo se assassinada ou suicídio.

Por outro lado, Maggie representa uma menina ingênua e romântica, que imagina poder ser salvaguardada dos perigos e da precária vida que tinha nos cortiços, pelo namorado beberrão e contador de vantagens. O que atrai Maggie é o senso de superioridade do petulante Pete, considerado por ela o instrumento ideal para transportá-la da realidade opressora para uma vida feliz, pois: “Ela via um brilho dourado do lugar onde Peter a levaria” (CRANE, p, 32).

É relevante reconhecer que a garota maltrapilha passa pelo mundo sem ser notada. Mesmo sendo a personagem protagonista e todas as ações estarem voltadas para ela, Maggie vive na sombra, o que nos revela ser representada por uma cultura, cujos valores estão centrados na perspectiva masculina.

Sua insignificância demonstra o descaso do mundo em que vive. Maggie odeia fazer parte da sua classe social. Crane expressa os sentimentos de Maggie e sua insignificância quando declara, no texto, que: “[...] Adornada de farrapos, passava sem ser vista” (CRANE, p.19, tradução nossa).

Segundo J. Schätzle em *The Reflection of the Metropolis in Stephen Crane's Maggie: A Girl Of The Streets*. (1999, p. 191) Maggie possui o anseio, semelhante aos desejos de uma jovem adolescente que deseja ter uma vida divertida, na qual poderia ter acesso à arte, aos deslumbramentos de uma vida rica e efervescente. Maggie desejava ardentemente ter uma vida glamourosa na cidade, desenhando, deste modo, um contraste óbvio com sua realidade.

Procurando ter uma vida próspera, possuir dinheiro e vestes bonitas, ela não nota que o forte instinto de sobrevivência, em meio aos valores que contrastavam com sua realidade social, impulsiona ao fim trágico. Ela se imagina em outra esfera social, a qual não corresponde à vida que leva junto à família nos *tenements*.

Ao contrário, Maggie convive com uma família de imigrantes, enfrentando muitas dificuldades financeiras e se imagina especial, diferente de todos que a rodeiam, é a única a pensar sobre si mesma entre todos os outros personagens, mas projetando-se para fora dos *tenements*: “[...] Maggie pode ser a única que pensa em si como uma pessoa especial, assim como outras muitas garotas se imaginam” (SCHÄTZLE, p.191, tradução nossa).

Entretanto, a garota surge impregnada de características que acentuam sua fragilidade, pois sua aparência denota ser uma “menininha esfarrapada e frágil”, sofredora nas mãos de seus algozes, representados, primeiramente, por sua família e, depois, pelo namorado Pete, além de toda uma sociedade que a condena. Do mesmo modo, sofria constantemente com a violenta personalidade do irmão Jimmie, o qual chega a golpear Maggie violentamente em um dos episódios.

Persiste durante o romance uma sucessão de episódios violentos entre os personagens, envolvendo o leitor em uma esfera em que está clara a vida em desmoronamento de Maggie e a destruição do ambiente que a circunda. Ela é o retrato de uma realidade vivenciada por jovens trabalhadoras que tiveram que se submeter às imposições sociais ditadas por um sistema opressor que as condenava à miséria.

Crane demonstra que sua frustração e sua incompletude conduzem-na à morte, esta anunciada desde quando é exposta a sua inaptidão para viver em sociedade. Sendo assim, vários momentos trágicos de Maggie são associados ao destino, inevitável e irrevogável.

Na estética naturalista, o destino trágico da personagem é, por conseguinte, uma força bem maior que a da vontade de ser livre. A garota das ruas prefere a morte ao invés de viver. Demonstra sucumbir às forças externas e mórbidas que a contornam, o que parece ser conivente com a proposta ideológica da obra, ao pensarmos que Crane pretende demonstrar em sua narrativa que “o meio ambiente é algo tremendo [...] e, frequentemente, dá forma à vida sem consideração” (CRANE, 2006, p. xiii, tradução nossa).

A morte de Maggie e o modelo de comportamento feminino

Por meio de Maggie e sua morte no final, revela as contradições de uma personagem claramente desorientada que, sem nenhuma outra perspectiva, resolve suicidar-se. O suicídio de Maggie, no final, apenas é sugerido pelo autor, porém encontra-se já prenunciado, diante da fatalidade e da transcendência da personagem, que passa de garota ingênua à prostituta de rua.

No final de sua trágica vida, já não conserva a beleza anteriormente irradiada quando ainda era jovem. O narrador a descreve, em um de seus últimos momentos, como uma mulher decadente e esta narração, nos momentos derradeiros de Maggie, sinaliza o fatídico final, recriando a atmosfera lúgubre e mórbida propiciada pela descrição do ambiente (CRANE, 2006, p.64):

A garota aproximou-se dos escuros distritos perto do rio, onde as altas fábricas escuras fechavam a rua e apenas alguns feixes de luz ocasionais refletiam na calçada [...]. Ela penetrou a escuridão dos quarteirões finais. As venezianas dos altos edifícios estavam fechadas como lábios cruéis.

Katrina Irving declara que a morte de Maggie pode revelar que estes acontecimentos não podem ser considerados fatalidades femininas, mas, ao contrário, devem ser vistos como um destino comum a todas as mulheres imigrantes nos Estados Unidos, naquele período. Sobre o final trágico da heroína de Crane, ela esclarece o seguinte:

O suicídio de Maggie no final não é, como alguns críticos argumentaram, prova da impossibilidade dos habitantes do gueto tentarem escapar de seu ambiente, mas antes uma reafirmação do controle e uma recontenção da parte de Crane da ameaça que Maggie

incorporou em seus esforços para fazê-lo. Logo, a tragédia de Maggie é a única para que ela possa se redimir.

Maggie pertence a uma família de imigrantes irlandeses e vive num gueto irlandês em Manhattan, o que para nós é crucial na história. Na verdade, cremos que o propósito de Maggie, ao procurar a prostituição como meio de sobrevivência foi motivado pelo desejo de se libertar do intolerável confinamento da vida nos *tenements* e escapar da crueldade e brutalidade de sua existência em casa e no trabalho.

Podemos confirmar esta hipótese, detendo-nos à afirmação de Nick Roberts, sobre a situação da prostituição no século XIX (ROBERTS, 1998, p.274):

Muitas prostitutas vinham de lares fragmentados [...] Finalmente, as garotas operárias também usavam a prostituição, para fugir de famílias onde enfrentavam abuso sexual, violência, alcoolismo dos pais ou outros tipos de opressão e infortúnio.

Roberts reitera esta percepção, o que nos leva a crer que Maggie, representa, certamente, a prostituta, indicando as preocupações de Crane em relação à prostituição que assolava a América no século XIX (ROBERTS, 1998, p. 279):

A prostituta média do século XIX era uma mulher da classe trabalhadora que, após sua iniciação sexual em torno da puberdade, e relacionamentos casuais com parceiros de sua própria idade e classe, optavam pelo comércio do sexo no final da sua adolescência porque este oferecia melhor pagamento, condições mais fáceis e maior autonomia que outras formas de trabalho feminino. Quando vista em seu próprio contexto, torna-se óbvio que, para muitas mulheres, a prostituição era uma decisão consciente e positiva em face da pobreza opressiva e da falta de oportunidade.

Inicialmente Maggie parece se sentir livre para buscar novos caminhos. Sem obter sucesso na esfera afetiva e sem o apoio necessário para sobreviver, procura a realização dos desejos no meio das pessoas das ruas, longe do lar infernal que vivia com sua família. Entretanto, morre de maneira trágica, não por causa de suas péssimas escolhas, mas por culpa da situação em que ela se encontra, demonstra o escritor estadunidense. A situação de penúria é a causa de sua transformação em vítima, o que facilita sua morte insípida. Crane oferece à personagem uma única possibilidade de se desvencilhar da situação opressora. Esta única chance é dada, pois, para Crane, Maggie é especial, e indica a existência desta oportunidade quando mostra uma personagem

diferente das outras, em cujas veias não residem os genes da rudeza experimentada na vida pobre expondo que:

Nada da sujeira da *Rum Alley* parece correr em suas veias”, porém é corrompida pelo cenário caótico e pelo ambiente no qual cresce, reforçando a ideia de que as forças exteriores comandaram as escolhas e atitudes da personagem (CRANE, p. 18, tradução nossa).

A história da ruína de Maggie é carregada de traços melodramáticos. É a heroína arruinada que atrai os olhares críticos da sociedade. Seu fracasso proporciona o drama. Mesmo tendo uma única chance de mudar seu destino, fracassa, pois tem que buscar meios de sobreviver entre as pessoas da sociedade, porém pertencentes a uma mesma classe social.

O que se constata é que o meio ambiente representado por Crane não oferece à personagem nenhuma forma de realização, pois, ele deseja demonstrar que, na verdade, a beleza e inocência de Maggie facilitaram sua vitimização e derrocada, já que na vida de uma pobre garota moradora dos *tenements*, não cabia o sucesso. Então pensamos que esta especificidade fez dela uma vítima dos julgamentos morais e de sua própria decadência e morte.

Outro aspecto relevante na configuração predeterminada da morte de Maggie é o fato dela passar por uma transformação que a conduz ao fim, circunstância em que se dá quando a personagem, ao enfrentar a ausência de normas sociais, opta pela prostituição.

Cabe ressaltar que essa situação é criada pela própria personagem, ao subverter as regras morais da sociedade da classe pobre, da qual faz parte. Ao se dar conta do fracasso de seus intentos, principia-se a decadência, atingindo, então, um estado de melancolia, em face do cansaço e da busca ineficiente por libertação, tanto da família, quanto da sociedade que a condena.

Sendo assim, a narrativa de Crane evolui para a idealização da realidade de Maggie, demonstrando a fuga da realidade, a fim de suprir seus desejos, frustrados e de ascensão social. Primeiramente ela contempla as novas sensações sugeridas nos encontros com Pete e nos passeios pela cidade. Começa a vislumbrar a expectativa de uma vida, que segundo ela, seria maravilhosa. Depois, com a inaptidão para sobreviver no meio hostil e impiedoso, passa por um estado de melancolia e morre.

Acreditamos que Maggie, na verdade, seja vitimizada pela falsa imagem de si mesma e de seu mundo. Sua visão da realidade é obnubilada pelo “glitter” proporcionado pelo imaginário, por meio da fruição da arte encontrada nos grandes *saloons* e casas de espetáculo onde Pete a levava. No momento em que o autor revela os sonhos de Maggie, a fumaça encobre o ambiente, como na passagem destacada: “O som da música que lhe chegava aos ouvidos, através dos esforços do regente de cabelos desgrenhados, na atmosfera densa de fumaça, fazia a jovem sonhar (CRANE, p.46).

Os desejos de Maggie são demonstrados como se estivessem na dimensão do irreal, já que ela não vislumbra o possível, devido à condição social desfavorável, em uma obra marcada pelo determinismo. Ela é apresentada como uma garota dilacerada pela impossibilidade, pela negação de progresso. Não consegue o amor da família, não obtém sucesso na relação afetiva que imaginou com Pete e inevitavelmente, segundo Crane revela, são sonhos fadados ao fracasso, prenunciando um final trágico que poriam fim a sua experiência fracassada.

Neste sentido, percebemos que Maggie começa a ser enterrada pela sociedade, ainda quando estava viva, num tipo de “túmulo social”. Crane conserva o anonimato das pessoas envolvidas no julgamento da personagem, em um dos episódios mais ilustrativos das argumentações tecidas até o momento, o julgamento moral dos moradores do cortiço. Quando eles descobrem que Maggie havia abandonado a casa da família e se entregado ao prazer de viver ao lado de Pete, iniciam seu sepultamento social, condenando-a e submetendo-a ao juízo de indivíduos tão imorais quanto ela.

O fim trágico de Maggie em um mundo onde a ideia de bondade não existe

A imagem de Maggie, desde os capítulos iniciais, é irônica porque ela é uma vítima da força destruidora da sociedade. Ela não tem espaço entre a raça humana, pois, em tal mundo, apenas os fortes sobrevivem e ela é uma “uma garota esfarrapada, frágil e melancólica”.

Ela tem que morrer, pois é traída pelas próprias circunstâncias naturais, o que significa sobreviver num mundo difícil e violento. A ideia de estar inserida num mundo onde não há como fugir da herança biológica adquirida é exposta por Crane e reflete a teoria proposta por Charles Darwin sobre a sobrevivência das espécies que afirma que

apenas as espécies biologicamente resistentes e fortes podem sobreviver num mundo onde as espécies mais fracas são fadadas a desaparecer.

O final de Maggie é um assunto controverso e que divide a crítica. Alguns críticos apresentam visões opostas. Interessou-nos aqui as opiniões de Robert Dowling (2007) e Donald Pizer (2009) quando os argumentam sobre o desfecho da personagem prostituta de Crane. Dowling afirma que Maggie possa ter sido assassinada pelo homem que a encontra no final: um “homem enorme e gordo” e que a segue até que “[...] ficou com ela até à beira do rio”. Tem como defensores da mesma proposta Keith Gandal e Paul Sorrentino, os quais concordam com o argumento de Dowling, considerando a morte de Maggie um homicídio.

Por outro lado, Pizer insiste no argumento de que Maggie tenha cometido suicídio, confirmando suas afirmações baseando-se nos artigos publicados nos anos de 1800, em que verifica que nesse tempo era muito comum encontrar casos reais de prostitutas que cometiam suicídio se atirando no *East River*.

As ideias sobre o assassinato de Maggie são recentes e contribuem para esclarecer as circunstâncias de sua morte, ainda pouco reveladas até o momento. Porém o que não podemos contestar é que a personagem morre de fato no final, sendo ou não morta por um assassino, ou que tenha sido por meio do suicídio, o que importa, na verdade, é o fato de Maggie ser uma vítima.

Keith Gandal (apud. PIZER, 2009, p. 36) afirma que há duas maneiras de interpretar o caso da morte de Maggie, o que pode revelar a pretensão do autor de inserir uma ambivalência própria.

Nas argumentações de Pizer encontramos o seguinte: “A versão de 1896 é neutra em relação ao assunto da morte de Maggie. Relata quando ela chega à beira do rio em seu declínio como prostituta, mas não especifica as causas da morte” (PIZER, p.36, tradução nossa).

Pizer e Dowling discutem suas opostas posições em um debate apresentando seus pontos de vista por meio de uma série de emails. Pizer fundamenta seus argumentos acrescentando que primeiramente Maggie chega até o rio como uma prostituta, sendo que a causa de sua morte não é revelada ao leitor, por outro lado, era uma constante, na arte popular, representar o declínio da prostituta de rua sempre

incluindo o suicídio, presumindo que estava na moda essa prática e Maggie não poderia deixar de participar desse contexto na literatura do século XIX.

A esse respeito, Pizer (2009) sugere o seguinte no que se refere ao suicídio da personagem: “Minha crença é de que Maggie comete suicídio na edição de 1893 no final do capítulo XVII, quando nós vemos que ela chega perto do rio e é anunciada sua morte no início do capítulo XIX”.

Ele diz que na primeira versão de *Maggie* em 1893, o autor pretendeu demonstrar que a personagem cometeu suicídio, porém só recentemente, a partir da segunda edição do romance em 1896, a cena do “homem enorme e gordo” foi incluída, sendo que a morte de Maggie passa a ser vista como um homicídio. Pizer (2009, p.37) diz que:

A maioria das reedições da obra rapidamente adota o texto de 1893 – trouxe em destaque o “malicioso” e, provavelmente bêbado, homem enorme e gordo em roupas rasgadas e enebadas provavelmente que está ausente na versão de 1896 do romance, mas que acompanha Maggie ao pé do *East River* na versão 1893.

Por outro lado, Dowling (2009) considera que Crane possa ter cortado a passagem do “*huge fat man*” por causa da crítica. Acredita-se que Crane tenha pretendido fazer com que os leitores pensassem que Maggie havia se rebelado contra a sua carreira de prostituta, mas é quase impossível descobrir os motivos que levaram Crane a mudar o final do romance na versão de 1896.

Por sua vez, Cunliffe (apud. Pizer, 2009, p.38) declara que Crane, ao caracterizar Maggie, estava de acordo com as convenções que o papel lhe convinha. Ele notou que a personagem expressava arquétipos, comumente, encontrados nos artigos de jornais, os quais traziam, em suas conclusões, o relato policial sobre a morte de prostitutas por meio do suicídio, atirando-se nas águas frias e escuras do *East River*. Ele elabora a seguinte proposição, demonstrando a veracidade de seus argumentos:

O *East River*, na parte mais baixa do *East Side* era o destino final apropriado para as prostitutas de Nova York. Muitas tinham origem nos cortiços do *East Side*; a Rua Bowery, a maior avenida da região, era o lugar ideal da prostituição; e o rio, então, providenciava a aproximação do significado de esconderijo.

Cunliffe notou que a morte da prostituta estava presente, também, no trabalho de Charles Loring Brace, em *The Dangerous Class of New York* (1872), obra que contém

um item chamado “The Street Girl’s End”, no qual mostra uma prostituta que se atira nas águas do rio. Há artigos nos jornais de Nova York, sendo que um dos quais publicou uma manchete intitulada *Pier of the Suicides / Three Hundred Have Sought to Use It as the Stepping-Off*.

Segundo o senso comum, a virtude e pureza natural da “*slum girl*” era sobreposta pela força corrupta de seu meio ambiente que a levava a se degradar na vida de prostituta e de acordo com o mito, tipicamente acabava em suicídio.

É significativo o fato de que no romance de Crane encontramos ecos das interpretações da prostituta de rua difundidas naquele momento, considerando o fato de que a pureza da *slum girl* era inata e também que era destruída pelo meio ambiente.

Segundo Pizer (p.39) há uma resposta que comprova a ligação dos motivos da morte de Maggie à representação arquetípica da personagem prostituta. Ele afirma que existe uma passagem de Witt Talmage em *The Night Sides of City Life* (1878), em que o Reverendo reformista deixa clara sua opinião sobre a morte de prostitutas: “A queda em espiral de sua vida eventualmente a leva para as ruas e vão em direção ao *East River*, à meia noite, no final das docas da cidade, a lua reflete na água fazendo-a parecer atrativa para que ela se pergunte se é profunda o suficientemente[...]”(TALMAGE, apud. PIZER, p. 39, tradução nossa).

Crane representa a vida de Maggie em acordo com o estereótipo da prostituta do *East Side*. Ela tem uma pureza inata – “Nada da sujeira da *Rum Alley* parecia correr em suas veias” – mas as condições de sua vida a impulsiona para as ruas.

Para Pizer, o homem que aparece no final representa um papel importante na descida de Maggie da cidade iluminada, da vida nas regiões dos teatros e bares da *Brodway* para a escuridão e a morte na região do *East River*. Segundo ele, o homem constitui em sua aparência física grotesca o declínio de Maggie em relação a sua própria aparência arruinada.

Sua aparência indicava-lhe a impossibilidade de se tornar atraente e conseguir novos clientes. Ele é significativo quando é o único que aceita o convite de Maggie, após ser rejeitada por vários clientes no mesmo capítulo. Ele representa o último degrau da descida da personagem rumo à queda final e que não há mais nenhum nível que ela possa descer. Finalmente, Maggie “adentrou a escuridão do quarteirão final” na beira do

rio, aonde a maioria das prostitutas vão, e encontra um homem, presente na seguinte passagem:

[...] um homem enorme e gordo em roupas esfarrapadas e enebadas. Seus cabelos grisalhos caíam sobre sua testa. Seus pequenos, olhos turvos, espumando entre grandes camadas de gordura vermelha, encarou a face intumescida da garota. Ele riu, seus escuros e desalinhados dentes reluziram por baixo de um bigode grisalho de onde caíam gotas de cerveja. Seu corpo inteiro gentilmente cambaleava e chacoalhava como uma água-viva morta. Rindo e maliciando, ele seguiu a garota até a região escura [...] Aos seus pés o rio apareceu num tom mortal [...] Os vários sons da vida, trouxe a felicidade distante e parecendo ficar intocável, tornando-se extinta e morreu em um silêncio (CRANE, p. 64).

Pizer (2009, p.41) declara pensar, em sua leitura do Capítulo XVII, na versão de 1893 que:

A noção de que Maggie tenha sido assassinada pelo “homem grande e gordo”, ao lado da simbologia da riqueza do papel de seu declínio, também não se leva em conta o método telescópico de Crane em relação à cronologia do capítulo. Se o homem grande e gordo assassinou Maggie, o acontecimento pode ter acontecido no exato momento de seu encontro perto do rio. Mas Crane deixou claro que nós temos que pensar sobre os acontecimentos do capítulo não como um evento separado, mas como o evento constitui momentos chave da carreira integral de prostituta de Nova York.

O que percebemos é que Maggie não morre exatamente no momento em que encontra o homem, mas durante o capítulo, representando um estágio em seu declínio, na circunstância de sua degradação e, se aceitarmos o lapso de tempo ocorrido entres os estágios da sua decadência, podemos aceitar do mesmo modo que tenham ocorrido lapsos de tempo similares entre a morte de Maggie e o aparecimento do homem.

Por outro lado, Robert Dowling (2009, p.42) defende a posição de que Maggie tenha sido assassinada na primeira edição em 1893 e tenha cometido suicídio na versão de 1896, argumentando que as mudanças feitas por Crane ocorreram por causa de um processo editorial. Ele afirma que: “Crane fez da cena da morte de Maggie algo palatável a sua audiência, respeitável, pela reciclagem das circunstâncias trágicas da garota que desabrocha em um atoleiro e que então encontra fatalmente a morte”.

Dowling também considera importante o aparecimento do “homem enorme e gordo” que a segue, até os dois ficarem juntos no final do declínio de *Maggie*, “quando, aos seus pés, o rio apareceu, com uma tonalidade negra, mortal”.

Na edição de 1896, por outro lado, Maggie comete suicídio, que para Dowling, corresponde a um típico melodrama vitoriano. Para ele Crane fez as mudanças para adaptar a história às exigências do mercado editorial, conferindo-lhe um caráter sentimental, com a alteração, e afirma que (DOWLING, 2009, p. 42):

Considerando que Maggie tenha cometido suicídio, Crane pôde tanto puni-la como uma mulher pecadora e permitir-lhe que adquirisse redenção pelo arrependimento, permitindo, desse modo, que o livro terminasse em um tom sentimental.

Dowling conclui suas reflexões da seguinte forma: “Minha conclusão não é tão elegante quanto a de Pizer, mas eu não vejo evidências que sugerem outra coisa: isto é assassinato e, na revisão de 1896, é suicídio” (DOWLING, 2009, p.42).

Maggie faz parte de uma verdadeira cruzada contra o feminino nas histórias de decadência e morte conectada a outras personagens femininas. São reconhecidas nas personagens suicidas ou que são mortas por indivíduos considerados “*angels of mercy*”.

Sobre o tema da mulher resgatada pela morte, Lúcia Zolin afirma que: “[...] em muitas histórias a mulher transita de menina inocente à prostituta imoral, para posteriormente regenerar-se, encarnando a mulher anjo, capaz de se sacrificar pelo bem dos que a cercam” (ZOLIN, 2009, p.226).

Maggie não foge ao modelo da heroína de Émile Zola, que faz uma descrição repugnante e aterrorizante da morte da prostituta Naná, personagem prototípica da prostituta na literatura naturalista, a qual vale a pena registrar aqui (ZOLA, s.d., p.29):

Naná ficou só com a face voltada para o teto, iluminada pela luz da vela. Era uma pasta de carne putrefata, uma mistura de humores purulentos e de sangue, ali abandonada sobre uma almofada. Pústulas tinham invadido todo o rosto [...] Um olho, o esquerdo, afundava-se no borbulhar da purulência. O outro, semiaberto, enterrava-se cada vez mais, como um buraco negro e apodrecido. O nariz supurava ainda. Uma grande crosta violácea partia de uma face, invadia a boca, torcida num riso abominável.

Também reconhecemos Maggie muito próxima à Luiza, em *O Primo Basílio* de Eça de Queiroz nos momentos em que definha a sua beleza. Há um fato muito

simbólico na cena em que Luiza raspa o cabelo. Acreditamos que com o cabelo raspado, o autor queira expor o significado da purificação de Luiza, pois os cabelos eram a marca da sensualidade na personagem. O cabelo despertava os desejos do homem, desejos esses pecaminosos. Luiza é dessexualizada e depois morre. Sua morte possui elementos purificadores, aos moldes da mentalidade misógina da época, pois morre nos braços do marido, recebendo, enfim, o perdão.

Maggie não se distancia da personagem de Flaubert, Emma Bovary cujo remorso a leva a envenenar-se: “Num mesmo instante, começou-lhe o peito a ofegar rapidamente. A língua saiu-lhe toda da boca; os olhos, num movimento contínuo, amorteciam-se como dois globos de lâmpadas que se apagam [...]” (Flaubert, 1971, p.243).

Enfim, relacionando a personagem de Crane a outras figuras femininas da literatura do século XIX, pensamos que a morte da personagem possa ter duas interpretações se considerarmos a comparação entre os finais das duas edições de *Maggie*.

Caso a opção seja concordar com a existência de um homem que a segue até o rio, precisamos estar de acordo com as argumentações que afirmam, que as revisões feitas por Crane provavelmente estejam ligadas às exigências do público e de seu editor. Ao manter a cena original, Crane estaria expondo à sociedade o mundo violento onde a classe baixa tentava sobreviver e isso era desagradável aos leitores.

Se, ao contrário, considerarmos que a personagem tenha cometido suicídio se atirando no lado mais fundo e escuro do *East River*, estaremos concordando com a correspondência da representação de sua morte com as de outras tantas prostitutas reais ou da ficção, seguindo um modelo arquetípico, fundamentado em ideias patriarcais que tratam a morte da mulher transgressora, como uma espécie de redenção, partindo da concepção de que à mulher pecadora só é possível a morte. Somando-se todas as exclusões e rejeições que são excessivas no romance torna-se prostituta e mentalmente perturbada. Maggie habita as margens da sociedade, pois é pobre, mulher e prostituta.

Consideramos *Maggie* um exemplar fecundo da literatura, em que a representação da mulher de classe social inferior, prostituta, e revela que a presença da figura feminina segue uma determinada construção correspondente às ideologias correntes no século XIX e demonstram um modo particular do autor em representar a

personagem prostituta na literatura, concordando com o que expõe Northrop Frye, que em sua definição d arquétipo como um símbolo ou imagem, afirma que se repete suficientemente com frequência, na literatura para ser reconhecido como um elemento da experiência literária como um todo. Frye declara que: “O arquétipo literário, por outro lado, é, antes de tudo, uma unidade de comunicação” (FRYE apud ADRIANO, p.48, tradução nossa).

Um sonho pode ou não comunicar algo a quem sonha, mas quem sonha, ao recontar o sonho, sempre comunica algo a que ouve ou lê. Além disso, alguns dos arquétipos que aparecem em mitos podem ter se originado nos sonhos, Frye mesmo explica que um mito é uma narrativa que conta para a sociedade a melhor maneira de conhecer a si mesma.

Recorremos a diversos campos para refletir sobre a complexidade e contradições do efeito mórbido contido na simbolização da morte da personagem, revelando visões particulares sobre o feminino. Enfim, pudemos compreender as representações simbólicas de episódios em que os conceitos e valores morais estão invertidos, numa tentativa do autor em mostrar as contradições que envolvem, não apenas a classe menos favorecida, mas, também, as contradições morais contidas na classe média.

Há interpretações de Maggie feitas sob a rigidez das características naturalistas na obra que podem obscurecer as reais implicações na recriação dramática de Crane na exposição da vida na Bowery. Seria muito simplista afirmar que Crane narra uma história em que a inocência é perdida por causa das duras armadilhas que o ambiente habitado pode representar.

Por meio da representação de Maggie e das circunstâncias que a levam à morte, Crane realiza uma crítica profunda da situação da mulher imigrante, pobre e trabalhadora do século XIX.

Referências

AGUIAR, S. A. *The Bitch is Back: wicked women in literature*. Carbondale: Southern Illinois University Press, 2001. Reviewed by MILLS, E. M. *The Bitch Is Back: Wicked Women in Literature* by Sarah Appleton Aguiar. *Tulsa Studies in Women's Literature*, University of Tulsa, v. 21, n. 1, p.140-142, 2002.

CRANE, Stephen. *Maggie: a Girl Of The Street*. New York: Batam Dell, (2006).

CUNLIFFE, M. Stephen Crane and the American Background of Maggie: In: *American Quaterly* (1955).

DOWLING, Robert. M. *Slumming in New York: from the Waterfront to mythic Harlem*. Illinois: University of Illinois Press (2007).

FINE, D. M. Abraham Cahan, Stephen Crane and the romantic tenement tale of nineties. In: *American Studies*. v.14, n.1, 1993. Disponível em: <http://journals.ku.edu>. Acesso em 03 dez, 2010.

GANDAL, K. *Stephen Crane's "Maggie" and the Modern Soul*. *ELH*, v.60. The Johns Hopkins University Press, 1993. Disponível em: <http://www.jstor.org>. Acesso em: 13 de mar, 2012.

HAPKE, L. *Girls who went wrong: Prostitutes in American Fiction, 1885-1917*. Bowling Green: Bowling Green State University Popular Press, 2001.

_____. The American Working Girls and The New York Tenement Tale of 1890's. *The Journal of American Culture*. New York: Pace University, 4. Jun 2004. V.15. Ensaio 2-p.3-50. Disponível em: <http://www.questia.com>. Acesso em: 10 mar, 2010.

IRVING, Katrina. Gendered Space, Racialized Space: Nativism, the immigrant Woman and Stephen Crane's 'Maggie'. In: *College Literature*, v. 20, n. 3. (1993).

New York in Fiction. Books in Which the Scene is Laid Here in Whole Or in Part - Opportunities Not Yet Seized, p. B537, 1898. Disponível em: <http://query.nytimes.com> Acesso em: 26 jan, 2010.

PIZER, Donald; DOWLING, Robert. M. A Cold Case File Reopened: Was Crane's Maggie Murdered or a Suicide? In: *American Literary Realism*. v. 42, n. 1, Illinois: University of Illinois Press (2009).

ROBERTS, N. *As prostitutas na História*. Trad. Magda Lopes. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

SCHÄTZLE, J. *The Reflection of the Metropolis in Stephen Crane's Maggie: A Girl Of The Streets*. Munique: GRIN Publishing GmbH, 2000. Disponível em: <http://www.grin.com>. Acesso em: 22 out, 2013.

WYMAN, M. The Rise of Fallen Woman. *American Quaterly*. v.3., 1951. Disponível em: <http://www.jstor.org>. Acesso em 14 nov, 2014.

ZOLA, Émile. *Naná*. Lisboa: Europa-América, (s. d), p. 29.

THE DEATH OF PROSTITUTE IN MAGGIE: A GIRL OF THE STREETS, BY STEPHEN CRANE

ABSTRACT

The death of the character, a street walking, brings to the fore the discussions about the tensions between the genres in literature. We explore the death of Maggie in the urban novel *Maggie: A Girl Of The Streets* (1896) of Stephen Crane, to highlight the trajectory of the prostituta image, marked by fate and fatality, whose characterizing effect intends the moral issues of society that condemn her and lead her to a tragic end, signaling their inability to survive, demonstrating that the external forces command her destiny. We the opposing positions that characterize her death.

Keywords: Literature, Woman, Prostitution, Death.

Recebido em 17/10/2017.

Aprovado em 15/01/2018.